

Arqueologia: Temáticas e Perspectivas Teórico-Methodológicos de Pesquisa

Luis Ricardo Fernandes da Costa
(Organizador)



Arqueologia: Temáticas e Perspectivas Teórico-Metodológicas de Pesquisa

Luis Ricardo Fernandes da Costa
(Organizador)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicos de pesquisa

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Luis Ricardo Fernandes da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicos de pesquisa / Organizador Luis Ricardo Fernandes da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-598-3

DOI 10.22533/at.ed.983202511

1. Arqueologia. 2. Pesquisa. I. Costa, Luis Ricardo Fernandes da (Organizador). II. Título.

CDD 930.1

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

É com muito prazer que apresentamos a obra “Arqueologia: Temáticas e Perspectivas Teórico-Metodológicas de Pesquisa”, que apresenta uma série de quatro artigos que abrem o debate em torno da temática envolvendo estudos acerca da Arqueologia na América do Sul.

A abertura do livro, com o capítulo “Cerámicas y metalurgia: complementariedad, competencia, simbología y valores”, apresenta excelente contribuição para o entendimento da produção de cerâmica artesanal e seus impactos na cultura local.

No capítulo 2 “La cerámica como línea matriz en la determinación de la secuencia cultural de la prehistoria de San Pedro de Atacama” descreve o processo pelo qual os arqueólogos estruturaram a sequência cultural do Período Agroalfarero de San Pedro de Atacama.

No capítulo 3 “Los textiles de la costa del Desierto de Atacama: estilo, función y circulación (500 cal. Ac-700 dc)” é apresentado uma pesquisa que analisa tecidos de cemitérios da foz do rio Loa, norte do Chile, pertencentes a caçadores-coletores marinhos.

Para o encerramento da presente obra, o leitor(a) é contemplado com importante contribuição intitulada “Repensando la coexistencia de gallinazo y mochica: desde una dicotomía básica hasta una clasificación fuzzy” onde apresenta dados recuperados em escavações recentes e na aplicação de técnicas emprestadas das ciências computacionais e geográficas.

Dessa forma, a coleção de artigos com ênfase em estudos na América do Sul são porta de entrada para discussões acerca da Arqueologia e seu papel integrador nas geociências.

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CERÁMICAS Y METALURGIA: COMPLEMENTARIEDAD, COMPETENCIA, SIMBOLOGÍA Y VALORES <i>Izumi Shimada</i> DOI 10.22533/at.ed.9832025111	
CAPÍTULO 2	14
LA CERÁMICA COMO LÍNEA MATRÍZ EN LA DETERMINACIÓN DE LA SECUENCIA CULTURAL DE LA PREHISTORIA DE SAN PEDRO DE ATACAMA <i>Agustín Llagostera Martínez</i> DOI 10.22533/at.ed.9832025112	
CAPÍTULO 3	32
LOS TEXTILES DE LA COSTA DEL DESIERTO DE ATACAMA: ESTILO, FUNCION Y CIRCULACIÓN (500 CAL. AC-700 DC) <i>Carole Sinclair Aguirre</i> DOI 10.22533/at.ed.9832025113	
CAPÍTULO 4	51
REPENSANDO LA COEXISTENCIA DE GALLINAZO Y MOCHICA: DESDE UNA DICOTOMÍA BÁSICA HASTA UNA CLASIFICACIÓN FUZZY <i>Kayeleigh Sharp</i> DOI 10.22533/at.ed.9832025114	
SOBRE O ORGANIZADOR	65
ÍNDICE REMISSIVO	66

CAPÍTULO 3

LOS TEXTILES DE LA COSTA DEL DESIERTO DE ATACAMA: ESTILO, FUNCION Y CIRCULACIÓN (500 CAL. AC-700 DC)

Data de aceite: 24/11/2020

Data de submissão: 18/09/2020

Carole Sinclair Aguirre

Arqueóloga y curadora, Museo Chileno de Arte Precolombino
Santiago de Chile

Artículo publicado en *Monumentos funerarios de la costa del desierto de Atacama: los cazadores-recolectores marinos y sus intercambios (500 a.C.-700 d.C.)*. Gallardo, F., Ballester, B., Fuenzalida, N. (Eds.). Santiago de Chile: Sociedad Chilena de Arqueología y Centro de Estudios Interculturales Indígenas (CIIR), 2107, p.155-168.

Este estudio es resultado del proyecto de investigación FONDECYT 1110702 (CONICYT), investigador responsable, Francisco Gallardo Ibáñez.

RESUMEN: Se analizan textiles de cementerios en la desembocadura del Río Loa, norte de Chile, pertenecientes a cazadores-recolectores marinos del período Formativo (500 AC a 700 DC). Los textiles, mayormente de origen no local, integran ajueres funerarios de ergología costera junto a objetos de manufactura foránea de diversas proveniencias regionales. Se propone que los textiles no locales fueron producidos y/o puestos en circulación por sociedades agro-pastoriles Formativas del interior de Tarapacá y del desierto de Atacama, obtenidos por intercambio de productos marinos excedentarios. Paulatinamente, estos textiles fueron incorporados a la identidad cultural

de las comunidades costeras, prefiriendo consumirlos más que producirlos. Se plantean posibles formas de interacción interregional que explican la presencia de estos textiles únicos y de procedencia lejana, como Tiwanaku y las consecuencias que estas interacciones trajeron al modo de vida cazador-recolector marino.

PALABRAS CLAVES: Textiles; Cazadores-Recolectores Marinos; Costa del Desierto de Atacama; Intercambio; Período Formativo del Norte de Chile.

THE TEXTILES OF THE ATACAMA DESERT COAST: STYLE, FUNCTION AND CIRCULATION (500 CAL. BC - AD 700)

ABSTRACT: Cemetery textiles at the mouth of the Loa River, northern Chile, belonging to marine hunter-gatherers of the Formative period (500 BC to AD 700) are analyzed. The textiles, mostly of non-local origin, make up funerary garments of coastal ergology together with objects of foreign manufacture from various regional origins. It is proposed that non-local textiles were produced and / or put into circulation by Formative agro-pastoralist societies of the interior of Tarapacá and the Atacama Desert regions, obtained by exchanging surplus marine products. Gradually, these textiles were incorporated into the cultural identity of the coastal communities, preferring to consume them rather than produce its. Possible forms of interregional interaction are proposed that explain the presence of these unique textiles of distant origin, such as Tiwanaku, and the consequences that these interactions brought to the marine hunter-gatherer way of life.

KEYWORDS: Textiles; Marine hunter-gatherers; Atacama Desert coast; Exchange; Northern Chile Formative Period.

En este trabajo se describen y analizan un conjunto de textiles provenientes de recolecciones realizadas en la desembocadura del río Loa, desde cementerios saqueados contemporáneos al periodo Formativo del interior (CaH7, CaH10A y CaH20). El propósito es entregar una primera visión sobre las características y el comportamiento del componente funerario textil de estos sitios de cazadores recolectores marinos y determinar sus relaciones con las distintas tradiciones textiles de esta época en el norte de Chile. Aunque es razonable pensar que estos cementerios fueron ocupados por largo tiempo, las fechas y materiales textiles obtenidos en ellos sugieren un importante componente Formativo Tardío (128-650 cal. d.C.).

Los textiles registrados en estos contextos funerarios costeros son, en su mayoría, bienes de manufactura foránea de distintas procedencias obtenidos por medio de variadas formas de interacción interregional. Muchos de estos tejidos fueron producidos y puestos en circulación por las sociedades formativas que habitaban los valles y quebradas de Arica, Tarapacá y el desierto de Atacama (FIGURA 1). Estas manufacturas fueron incorporadas entre las comunidades de cazadores recolectores e integradas en su formación identitaria y necesidades cotidianas (*sensu* Ballester y Clarot 2014).

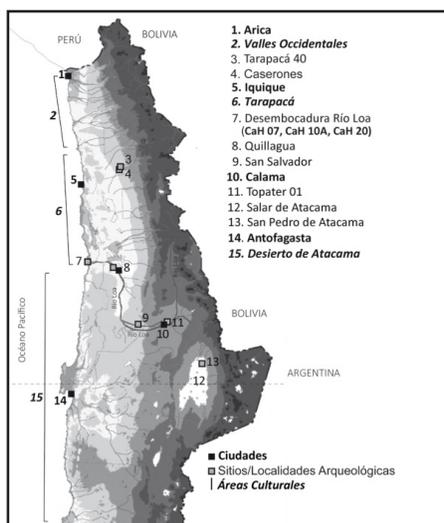


Figura 1. Sitios arqueológicos, localidades y áreas culturales mencionados, Norte Grande de Chile.

Adaptado de Cabello y Estévez 2017.

La descripción y el análisis de las colecciones están basadas en la propuesta de sistematización de la textilería del periodo Formativo de Agüero y Cases (2000 y 2004), realizada a partir del estudio de piezas completas y fragmentarias de los sitios arqueológicos más representativos de cada una de las formaciones históricas sociales de este periodo en el norte de Chile. Esta sistematización resultó en definiciones de grupos textiles según atributos de forma, función, tecnología y estilo más diagnósticos, identificando sus lugares de origen e integrándolos a la vez en las diferentes tradiciones textiles de este periodo histórico-cultural.

Se concluye con una recapitulación que compara las características y el comportamiento de los componentes textiles en los diferentes sitios arqueológicos analizados. Se propone también desde una mirada “local” los posibles flujos de circulación interregional de estas manufacturas, al igual que de las formas de interacción que explican su presencia en los contextos de cazadores recolectores marinos en la desembocadura del río Loa.

1 I SITIOS FUNERARIOS DE LA DESEMBOCADURA DEL RÍO LOA

Los sitios arqueológicos en estudio se encuentran en la actualidad gravemente intervenidos por saqueadores y muchos de sus materiales fueron destruidos quedando sus fragmentos en superficie y subsuperficie. Obviamente, faltan aquí las piezas de mejor calidad y conservación, sin embargo, nuestros registros sugieren que la muestra atiende a los ítems más populares, materiales que presentan grandes semejanzas técnicas y funcionales entre estos tres yacimientos arqueológicos.

Caleta Huelen 10 es un sitio funerario a un par de kilómetros al sur del río Loa junto a la ruta que une Iquique con Antofagasta. En los 60, J.C. Sphani (1967) excavó 32 túmulos cuyo inventario sugiere que estos estaban previamente intervenidos. Sin embargo, pudo recuperar piezas cerámicas de la región de Tarapacá (tipos Quillagua Tarapacá Café Alisado, QTC, y Loa Café Alisado, LCA), anzuelos de espinas de cactus y metal de cobre, cuchillos bifaciales con mangos de madera, astiles de arpón, tubos de hueso de ave y fragmentos de túnicas textiles. Hallazgos semejantes encontró Núñez (1971,1974) en otros cuatro túmulos del cementerio y un área funeraria que carecía de estos montículos (CaH 10A), cuyas fechas de radiocarbono calibradas establecen intervalos de 112 a.C. a 232 d.C. (99%) (IVIC 789, textil) para el primero y 595 a 191 a.C. (89%) (IVIC 790, madera) para el segundo. El trabajo en el sitio nos permitió identificar 106 túmulos y determinar que el sector A intensamente removido cubre un área menor al 10% del sitio. Los restos humanos desarticulados y artefactos fragmentados son muy abundantes, por lo que realizamos recolecciones intensivas (sobre menos del 8% del total del sitio) de materiales, entre ellos cabezales de arpón y dardos de madera, cestería

decorada, esteras vegetales, instrumentos óseos, puntas pedunculadas de borde microdentados, cuchillos bifaciales y retoque marginal, textiles, anzuelos de espinas de cactus, lámina y tubo de cobre laminado, artefactos de concha, calabaza, maíz y tubérculos silvestres. Hay numerosos fragmentos textiles y restos cerámicos de cuencos y ollas de estilo tarapaqueño (QTC y, QRP) en asociación a vasos y cuencos negros pulidos del tipo Séquitur del oasis atacameño. Una nueva fecha de un textil dio como resultado 410 a 550 cal. d.C. (Beta-360553), intervalo de tiempo que es consistente con los contextos cerámicos y otros materiales. La diversidad de eventos temporales de este sitio en general, sugiere que estos emplazamientos se utilizaron por largo tiempo, pues de la recuperación de una tumba saqueada en la zona de túmulos datamos un anzuelo de cactus en 2200 a 2030 cal. a.C. (cal. 2 sigmas) (Beta-3600554, vegetal).

A unos 400 metros al sur de CaH 10A, se emplaza Caleta Huelen 7 (CaH 07). Fue excavado por Núñez (1971, 1974, 1976) quien reporta la extrema alteración del sitio, aunque con entierros intactos que contenían esteras de fibra vegetal, tejidos, botellas y cuencos de cerámica campaniformes pulidos, minerales de cobre, artefactos de recolección marítima, cestería, cordelería y bolsas de fibras vegetales, algodón, calabaza y cuchillos de cuarzo. Una fecha para una muestra mixta de fibras vegetales y cestería situó el contexto entre el 56 a.C. y 128 d.C. (96% de probabilidad, 2 sigmas) (IVIC 788, cestería). Nuestras observaciones concuerdan con este inventario de cultura material, pero hay que indicar que se trata de un sitio excepcional, pues durante las actividades de recolección arqueológica pudimos constatar que los entierros se realizaron unos sobre otros formando un denso túmulo funerario de unos 20 metros de diámetro y una altura superior a un metro. Entre los nuevos ítem recuperados (fracción no superior al 20% del sitio) hay láminas de cobre, dardos y cabezales de arpón de madera, anzuelos de espinas de cactus, cerámicas negras pulidas del oasis atacameño y varios tejidos polícromos complejos, uno de los cuales es de indudable filiación Tiwanaku. Una pequeña muestra para AMS de este tejido entregó una fecha calibrada de 560 a 650 d.C., (Beta-360552, textil), mostrando un patrón de uso fúnebre de larga data del sitio CaH 07.

Tres kilómetros al sur de los anteriores yacimientos se emplaza el cementerio CaH 20. Unos 150 túmulos con evidencias de saqueos subactuales son todavía visibles, aun cuando la dispersión de material señala una superficie mayor para el sitio. Spahni (1967) excavó 81 de estas sepulturas con resultados precarios, probablemente debido a que muchas tumbas parecen haber sido alteradas por saqueadores con anterioridad. Faltaban la mayoría de los cráneos, los artefactos aparecían en pedazos y en reducida cantidad. Sin embargo, el inventario general muestra una población con tecnologías de explotación marina y acceso a bienes de los oasis del interior como cerámica, tejidos, madera, metalurgia y lapidaria en

mineral de cobre y materias primas líticas. Más tarde, Núñez (1971) excavó el sitio con resultados similares. Spahni (Op. Cit.) obtuvo un fechado absoluto de 215 ± 100 d.C. (HV 557), osamentas humanas carbonizadas). Sabemos sin embargo, que estas poblaciones se alimentaban mayoritariamente con productos del mar, por lo cual los cuerpos presentan efecto reservorio que calibrado (Calib Rev 5.0.1.) da un intervalo temporal de 315-682 d.C., que es coherente con los registros de superficie (un 2% del total del sitio) realizado por nosotros, aunque no puede descartarse un inicio del yacimiento en fechas más antiguas.

2 I DESCRIPCIÓN Y ANÁLISIS DE LOS TEXTILES DE LA DESEMBOCADURA DEL RÍO LOA

Los tejidos más populares en los sitios de la desembocadura del río Loa incluyen mantas, túnicas, taparrabos, huinchas, bolsas y prendas miniaturas, expresiones clásicas del periodo Formativo en Arica, Tarapacá, el Loa y Salar de Atacama (TABLA 1). Sin embargo, hay un importante número de piezas distintas a los grupos textiles definidos por Agüero y Cases (2004) para este momento histórico (TABLA 2). Y es precisamente este conjunto el que informamos aquí dado que su variabilidad permite discutir múltiples interacciones sociales.

Grupos Textiles	Caleta Huelén			Comparaciones Regionales								
	CaH7	CaH10-A	CaH20	V.Occ. Azapa	Costa Camar.	Tr-40	Costa Iquique	El Toco	Quillagua	Topater	R.San Salvador	SP Atacama
Formativos												
Túnicas												
Tu1 Algodón		▲	▲		△+				△▲			
Tu3	▲	▲		△	△+	△+			△▲?	△		△
Tu6 Peinecillo	▲	▲?		△								
Tu7 F.Urd./F.Tram.		▲?	▲?	△+	△	△	△	△	△+	△+	△	
Tu8			▲			△						
Taparrabo												
Ta2 Tapicería	▲	△							▲	▲+	▲	
Huíncha												
H2 Trenzada	▲		△?						△?	▲		
H3 Monocroma		▲+	▲		△					▲		
H4 Decorada	△▲	▲		△			△		▲	△		△
Bolsa												
B2 Anillado c/torsión	△?	△▲	▲+		△+		△+	△	△▲	△	△	△?
B3 /B4 Anillad Tor. Sobre								△	▲	△		
B6: B8 Anillado sencillo		△▲	▲		△		△		▲	△+	△	
B9 Anillado Sencillo decor.		▲?										
B11 /Faz Urd. listada		▲?										
B15 /Faz Urd.(PIT)		▲?										
Manta												
M6 Torzal de trama			▲?		△+	△+	△				△	
M6a Torzal decorado		▲?				△	△					
M7 Mullida	▲	△▲	▲	△	△	△+	△		△+▲?	△	△	
M8a Mull listada lateral			▲			△						
M8b Mull listada continua		△▲	▲		△	△	△+			△+		
M11 / Trama y Urd. disc.			▲?		△	△	△+					
M13 Miniatura		▲		△+		△+			△			
Gorro												
G3 AnSen. Dec.			▲?						△	△		
Otros textiles Miniatura												
Reproducción vestuario		▲		△+		△+	△	△				

(▲?: Adscripción dudosa; ▲+: Alta representación; △: Registro Agüero y Cases 2004; Cases 2011 Ms.)

Tabla 1. Grupos textiles del período Formativo del Norte Grande chileno en los sitios de Caleta Huelén y sus relaciones regionales.

Elaboración propia en base a Agüero y Cases 2004.

Tipos Textiles (CSA)	CaH7	CaH10 A	CaH20	V.Occí. Azapa	Costa Camar.	Costa Iquique	Tr-40	Quillagua	Topater	R. San Salvador	SP Atacama
Gorro Elipsoidal Anudado	▲	▲	▲			▲	▲				▲
Gorro Hemisférico Anudado	▲?	▲									
Gorro Tubular Anudado		▲									
Túnica, huinca Urd.Transp.	▲	▲	▲						▲?		▲
Faja Tiwanaku	▲					▲?					
Tapicería Tiwanaku n/i	▲						▲				
Bordado Túnica Tiwanaku?	▲			▲			▲				▲
Faja tapicería excéntrica	▲										▲?
Ornamento de pabilo	▲	▲							▲	▲	
Tejido <i>sprang</i>	▲?		▲?								▲
Turbante de madeja	▲	▲?	▲	▲	▲+	▲	▲+	▲	▲+	▲	▲
Cintillo afelpado	▲						▲?				▲
<i>Inkuñ</i> -paño ritual (Costa Sur Andina)		▲		▲?							
Tejido anillado cruzado (Costa Sur Andina)		▲	▲						▲	▲	
Trenzado torzal oblicuo (Costa Sur Andina)		▲									
Torzal de trama decorado		▲		▲?							
Vestimenta Ave		▲	▲			▲		▲	▲	▲	
Cordeleería teñida x amarra		▲		▲			▲	▲	▲		▲

(▲?: Adscripción dudosa, ▲+: Alta representación).

Tabla 2. Los “otros textiles” de los sitios de Caleta Huelén y sus relaciones regionales en el Norte Grande de Chile.

Elaboración propia en base a Agüero y Cases 2004.

2.1 Los otros textiles de la Colección de CaH 07

Más del 50% de las piezas de la colección no tienen referentes en los grupos textiles Formativos definidos por Agüero y Cases (2004). Algunos son tejidos que se repiten en las colecciones de CaH 10A y CaH 20 y otros son registros únicos, como un gorro, una banda cefálica afelpada y un cintillo de madejas, además de restos decorados de una túnica, una huincha y una faja y ornamentos de pabilos o cordeles.

El gorro corresponde a los fragmentos de un tocado de forma elipsoidal, confeccionado en fibra de camélido con técnica de anudado de doble enlace simétrico y decorado con listas lisas verticales de colores alternados, en simetría a partir del centro del gorro, rojo, azul oscuro, café y beige, sobre diseños de rombos logrados por la combinación del revés y derecho del nudo. Se encontró junto a un cráneo humano que tenía *in-situ* un “seudo” turbante, consistente en tres madejas delgadas de hilados finos de camélido café, ocre y rojo oscuro y *moliné* café/blanco, enrolladas en la cabeza; por las improntas del gorro que se aprecian en las madejas y la piel del cráneo, es posible que este originalmente estuvo puesto sobre la cabeza. Cabe destacar que de los cuatro gorros similares que se registran en CaH 10A y CaH 20, dos se encontraban junto a madejas de posibles turbantes. Los principales antecedentes de este tocado se encuentran en el sitio Tarapacá 40, un cementerio Formativo Tardío del interior de Tarapacá; en él, varios individuos con distintivos ajuares funerarios portan este mismo tipo de gorro sobre voluminosos turbantes de

madeja, conformando un complejo tocado considerado emblemático y representativo de la identidad étnica de al menos un sector de su población (Oakland 2000). En un contexto Formativo de la vecina aldea de Caserones se recuperó un tocado similar, fechado en 445- 580 cal. d.C.; otro ejemplar proviene de Punta Gruesa, en la costa de Iquique y bastante más al sur, en San Pedro de Atacama, se registran 11 de estos gorros en cementerios Formativos tardíos atacameños, cuatro de los cuales serían de estilo tarapaqueño, es decir, cubriendo grandes turbantes de madeja (Sinclair 2012) (Figura 2 a y b). Las evidencias indican que todos estos gorros presentan una estandarizada factura, compartiendo forma, técnica y decoración y siempre asociados al uso de turbantes de madejas, las mismas características de los gorros de los cementerios de la desembocadura del Loa. El “cintillo de madejas”, antes aludido, se parece a la estructura de los turbantes más sencillos de Topater 01, un complejo cementerio Formativo en el oasis de Calama, Loa Medio, que al contrario de los más grandes de Tarapacá, en este sitio van dispuestos en ocasiones “sobre” gorros anillados monocromos. A un tercer tocado podría corresponder un fragmento tejido con la misma técnica de los anteriores gorros, con diseños no determinados en café y beige y que nos recuerdan los casquetes anudados de los gorros de piel atacameño del periodo Medio, asociados al componente textil Tiwanaku en ese oasis (Sinclair 2012).

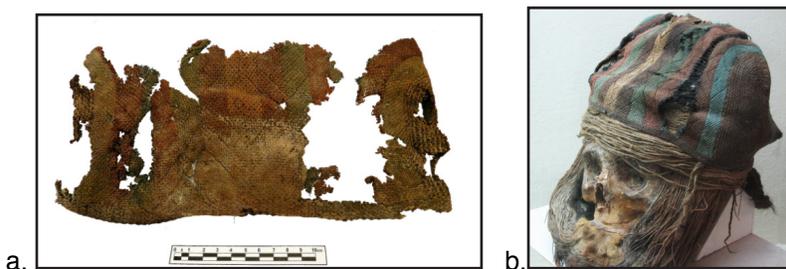


Figura 2. (a) Gorro elipsoidal anudado policromo; CaH 07/UB, 22 x 10 cm. (b) Gorro elipsoidal anudado sobre turbante de madejas, cementerio Tarapacá 40B, Colección del Museo Regional de Iquique, Chile.

Fotos de la autora

En la colección se identificaron tres fragmentos textiles de filiación Tiwanaku y que comprenden por ahora el registro más meridional en la costa desértica del norte chileno. La pieza mejor conservada es una faja de 6 cm de ancho, de tejido muy fino y decorada en tapicería entrelazada con fibra de camélido en colores rojo, rosa, verde azulado, beige y azul oscuro, con motivos de cabezas de felinos y aves con plataforma escalonada unidos por una franja diagonal con triángulos adosados,

dentro de módulos rectangulares que alternan posición y color de las figuras y el fondo (Figura 3).

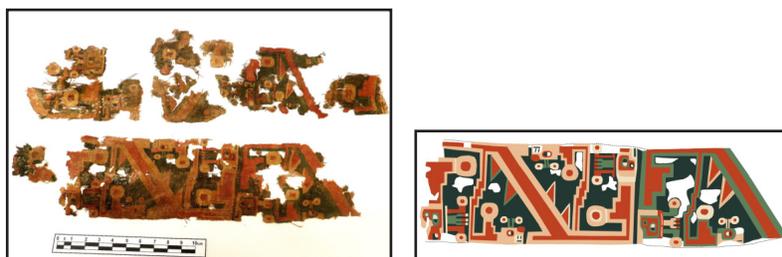


Figura 3. Faja tejida en tapicería decorada con motivos de felinos y aves, Tiwanaku III/IV; CAH7/UB, 23 x 6,3 cm.

Foto y dibujo de la autora.

No hay nada parecido entre los escasos textiles Tiwanaku de la región (Cfr. Agüero y Uribe 2015), pero sí un par de tejidos que comparten algunos rasgos iconográficos como una banda cefálica del “Cementerio 3” de Pisagua (Conklin 1983), con un felino arrodillado de perfil, inscrito en módulos repetidos y una faja del cementerio Solcor 3, de San Pedro de Atacama, cuyo icono es un ave volando también inscrita en módulos repetidos. Según Agüero (2005), las piezas con iconografía que combina motivos de ave y plataforma escalonada o felinos y personajes con atributos felínicos y organizados en módulos, serían de estilo Tiwanaku III/IV (400-700 d.C.), con sus referentes en la litoescultura del sitio nuclear, siendo los primeros registros más comunes al área atacameña, vinculándose a las prácticas de consumo de alucinógenos típicos en esta región, y los segundos, a los Valles Occidentales y Tarapacá. La fecha obtenida del textil de CaH 07, de 560-650 d.C. (1390-1300 cal. AP), cae bien dentro del rango estimado para este estilo iconográfico de Tiwanaku. El segundo fragmento textil está realizado en fina tapicería excéntrica, entrelazada y enlazada sobre urdimbres pares, decorado con figurativos no determinados y listas finas, en rojo y crema sobre fondo azul petróleo (Figura 4). Este fragmento podría pertenecer a un sector o a las franjas verticales decoradas de una túnica de estilo Tiwanaku, similar a la que se registra en el cementerio Tarapacá 40B (T3/SM) fechada en 600 d.C. (Agüero y Cases 2004), y con la que comparte algunos motivos, el colorido y la técnica decorativa, además de la cronología de su contexto.

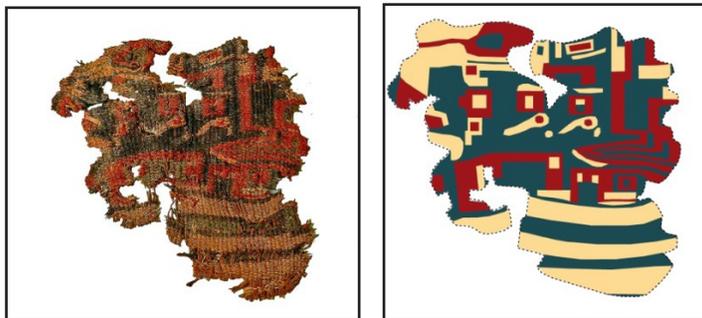


Figura 4. Fragmento de tejido en tapicería, probable franja decorada de túnica, Tiwanaku III/IV; CaH 07/UC, 4 x 5 cm.

Foto y dibujo de la autora.

El tercer y último ejemplar, es un fragmento muy pequeño tejido en faz de trama y sobre bordado en puntada anillada cruzada con un motivo indeterminado, con los mismos colores que el fragmento antes descrito, por lo que creemos pertenece a él, considerando sobre todo que esta técnica decorativa es característica de las túnicas y bolsas de estilo Tiwanaku III/IV. Con todo, pensamos que las tres piezas Tiwanaku se vinculan mejor, o provendrían de, contextos formativos tarapaqueños, reflejando evidentes contactos entre los costeros del Loa y los vallunos de Tarapacá, probablemente a través de una forma de interacción económica directa a través del litoral costero.

Hay un conjunto de textiles decorados que provienen de los oasis atacameños. La mayoría corresponden a tejidos de las fases Quito y Coyo, que figuran en contextos funerarios junto a textiles del núcleo Tiwanaku o de sus centros periféricos, como Cochabamba (Agüero2005). Entre ellos destacan un fragmento de una bolsa listada en rojo, blanco y azul realizada en *sprang* o torzal oblicuo, tejidos decorados con urdimbres transpuestas, en un caso, una huincha con zigzag opuestos café sobre beige y en otro, listados con rombos entre paralelas café sobre beige de una posible túnica tejida con dos tramas alternadas. Otro fragmento corresponde a una faja tejida en tapicería enlazada, excéntrica y discontinua con segmentados oblicuos dentro de módulos rectangulares, alternando azul sobre café o rojo sobre azul. Agüero (2005:183) considera a estos estilos tecnológicos y decorativos como identitarios de la textilera atacameña del momento, con fuertes vinculaciones en su origen a los estilos cochabambinos del Horizonte Medio boliviano. Una última pieza es una banda cefálica afelpada roja, confeccionada con un largo y grueso hilado *bouttonné* plegado sobre sí mismo, fijado con anillado simple y unido mediante un ojal y un “botón” del mismo material ((Figura 5 a y b). En contextos de estilo

Tiwanaku III-IV de San Pedro de Atacama hay bandas similares y en otras se aplica esta técnica, como en la felpa que forma el cuerpo de un gorro cúbico con cubierta anudada de doble enlace del sitio Solcor 3. Nuestra banda podría haber formado parte de un tocado más complejo, quizás como accesorio de algunos de los pseudo turbantes registrados en el sitio.

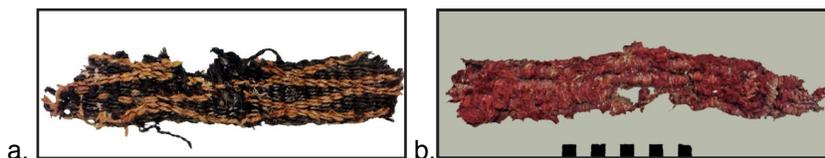


Figura 5. (a) Huincha tejida en urdimbres transpuestas, CaH 07/UB, 11 x 2, 5 cm. (b) Banda cefálica afelpada, CaH 07/UC, 20 x 5 cm.

Fotos de la autora

Una última pieza, corresponde a los restos de un ornamento de pabilos (también presente en CaH 10A), consistente en un cordel grueso del que penden haces café oscuro de fibras de camélido sin hilar -probablemente de la cola-, fijados con enlaces simples en hilo café claro. Tanto éste como el de CaH 10A, tienen los pabilos cortados al ras del cordel de sujeción. El hallazgo en Topater 01 de una pieza similar completa y con pabilos de hasta 20 cm de largo, sugiere que este ornamento es un faldellín y, además, de una clase diferente a los más comunes del Formativo con largos pabilos torcidos de fibra de camélido blanco o café claro (Figura 6 a y b). También en Topater una estructura igual, aunque con flecos más cortos, fue cosida como ornamento al casco de un gorro anillado monocromo, simulando quizás una peluca pues la fibra gruesa de estos objetos, parece cabello humano. Por último, se agrega un registro similar entre las basuras de la aldea de río San Salvador (Cases 2011), ubicado en las cercanías de Calama, que comparte varios otros elementos culturales con Topater, como tejidos y cerámica.

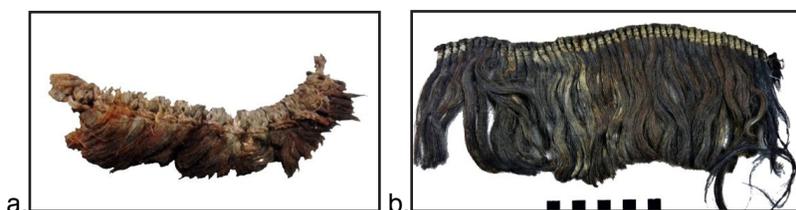


Figura 6. (a) Ornamento de pabilos, CaH 10 A/UC, 10 x 3 cm. (b) Faldellín de pabilos, Topater 01, N° 2961, 33 x 13 cm, Colección Museo de Historia Natural y Cultural de Calama, Chile.

Fotos de la autora

2.2 Los otros textiles de la Colección de CaH 10A

Entre las piezas textiles sin referentes en los grupos definidos por Agüero y Cases (2004) y Cases (2011), se cuenta con algunas que piezas que se repiten en CaH 07 y 20, como gorros elipsoidales anudados, huinchas decoradas, tejidos anillados y faldellín de pabilos y, otras son únicas de este sitio, como un tipo de gorro, una miniatura de gorro anudado y una posible *inkuña* o “mantel-altar”.

Se registraron dos tipos de tocados. El primero es un gorro elipsoidal anudado, similar a los de CaH 07 y 20 y que se asocia a delgadas madejas de hilados, posiblemente de un turbante o cuerdas de amarra de fardo funerario, como las que exhibe el fardo de un párvulo en el cementerio ENAEX de Mejillones (Ballester y Clarot 2014); el tocado está reparado “pre-entierro”, y al parecer, en dos ocasiones diferentes, agregándole una franja al centro en anillado sencillo burdo para unir los laterales del tocado, y después reparando roturas de este anillado con puntadas de encandelillado. El segundo gorro es de forma tubular, de 15 x 12 cm, café y tejido con nudo de doble enlace en franjas horizontales, combinando hilados de camélido de diferente grosor; conserva parte del cuerpo y la cubierta, la que lleva tres agujas de hueso prendidas que recogen fuertemente el tejido. Por ahora, no hay antecedente de esta forma de gorro en la región, pero suponemos que es contemporáneo a los otros tocados confeccionados con esta técnica de anudado y la expresión de una variabilidad aun no registrada. Un fragmento monocromo café proveniente de otra unidad de recuperación del sitio, tejido en anillado cruzado muy denso, podría ser parte de un tercer gorro dada las similitudes técnicas que presenta con un tocado cónico café del sitio Topater 01, que combina anillado cruzado con anillado sencillo en su confección. Otra evidencia de tejido en anillado cruzado la encontramos en un fragmento no determinado decorado con listas horizontales café oscuro y café claro alternadas, muy parecido a una pequeña bolsa que se registra en CaH 20. Al respecto hacemos notar que este tipo de tejido anillado es frecuente sobre todo en la costa sur andina, con sus primeros referentes en Parakas Tardío y Nasca Temprano (100 a.C.-200 d.C.), con la que se confeccionaban figuras volumétricas para ornamentar los textiles funerarios; más tarde, se transforma en una técnica decorativa característica de las túnicas y bolsas de Tiwanaku (*vid. supra*).

Entre las miniaturas tejidas características del componente funerario textil del Formativo tarapaqueño (Agüero 2012), destacan una manta simple hecha en faz de urdimbre y una bolsa en anillado, además de un gorro de forma cónica con un apéndice superior, realizado en anudado de doble enlace, todos con fibra en tonos naturales del camélido (Figura 7). El gorro es especial pues no reproduce ni la forma elipsoidal del modelo real ni está confeccionado en anillado como otros tocados que se describen entre las miniaturas textiles, sugiriendo mayor variabilidad y la

posibilidad de abrirse a otras interpretaciones para este tipo de contexto funerario (Cfr. Agüero Op. cit).



Figura 7. Textiles miniaturas. (a) Gorro cónico anudado, CaH 10 A/UC, 7 x 4 cm; (b) Bolsa anillada, CaH 10 A/UD, 2,5 x 3,5 cm; (c) Manta con flecos, CaH 10 A/UC, 5,5 x 12 cm.

Foto de la autora

Otro conjunto de piezas textiles tendrían su origen en los oasis atacameños. Comprenden una huincha, un fragmento no determinado y una pequeña bolsa rectangular, todas decoradas con urdimbres transpuestas. La huincha es café y beige, con diseños de rombos rellenos con cortas líneas oblicuas que alternan dirección y color en cada pasada de trama, terminada en peinecillos y extremos de urdimbres recogidos mediante embarrilado formando un cordón, la misma terminación de algunas huinchas decoradas de Topater 01. El fragmento no determinado, probablemente una huincha o correa de bolsa, presenta estos mismos diseños de líneas oblicuas, pero en rojo, azul y blanco. La bolsita, por su parte, de 10 x 5 cm, que está confeccionada al parecer de un textil pre-existente, presenta decoración de motivos en “V” sobrepuestos en colores alternados, café, rojo y crema (FIGURA 9). Posiblemente podría corresponder a una “bolsa-amuleto”, como las que se registran en San Pedro de Atacama en esta época, algunas de las cuales traen en su interior semillas de cebil (*Anadenanthera colubrina* var. *Cebil*) o de algarrobo (*Prosopis* Spp.) También en CaH 07 se registran un par de tejidos con esta misma técnica decorativa. Como ya lo planteáramos, textiles con estas técnicas y diseños integran el componente local atacameño que coexiste con prendas Tiwanaku en algunos cementerios de las fases Quito y Coyo de San Pedro de Atacama.

Finalmente, la única pieza completa y quizás la más excepcional que registra la colección de este sitio, es una probable *inkuña* decorada, de forma rectangular de 30 x 26 cm, tejida en faz de urdimbre con hilados finos y regulares de camélido café claro y con dos tramas alternadas (Figura 8); no presenta terminaciones en

las orillas de trama y las de urdimbre, una está cortada y la otra reparada con un refuerzo con un hilado de trama. Tiene decoración en brocado en uno solo de los bordes de urdimbre, consistente en una sucesión horizontal de pequeños rombos dobles en colores rojo y negro que se distribuyen a lo largo de la orilla del paño; en un borde lleva amarrado un fino cordel de pelo humano hilado en torsión inversa, probablemente un agregado de carácter “ritual” efectuado antes del entierro. La *inkuña* o “mantel-altar” como pieza de origen altiplánico, aparece en la textilería Cabuza y Maytas, en Arica, producto de la influencia del estado Tiwanaku en los Valles Occidentales, sin embargo, esta pieza no tienen relación con ellas sino con algunas piezas similares de estilo Wari de la costa centro-sur peruana, con las que comparte especialmente la técnica decorativa, el brocado, y la distribución irregular de los diseños en ciertas áreas del paño textil. Tampoco tenemos evidencia si este textil en el contexto funerario costero habría cumplido la misma función que se les atribuye de envolver preciados objetos para el rito funerario. Si nos queda claro que esta probable *inkuña* y los fragmentos textiles bordados o tejidos en técnica de anillado cruzado de este sitio, como de los de CaH 20 descritos más adelante, integran tradiciones textiles del Horizonte Medio del centro-sur peruano y de la que se hacen parte los Valles Occidentales a través de los vínculos que establece la población Cabuza de Arica con el centro provincial de Tiwanaku en Moquegua. Estas piezas junto a las de estilo Tiwanaku que se registran en CaH 07, componen un grupo de textiles que pueden representar o hacer ver vínculos más extendidos de los costeros del Río Loa con sus congéneres de los Valles Occidentales, accediendo de manera directa e independiente a una mayor diversidad de bienes textiles y al contrario de lo planteado por Agüero (2012:74), en esta caso, sin mediar las comunidades agro-pastoriles de los valles interiores de Tarapacá.

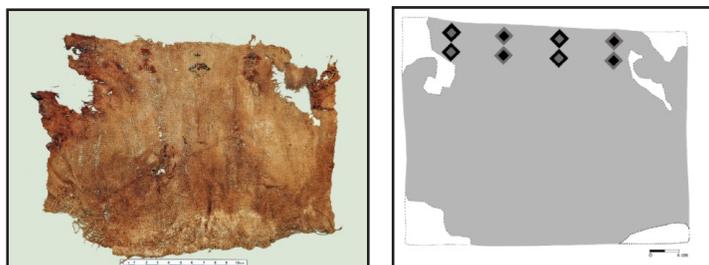


Figura 8. Paño brocado, “mantel-altar” o *inkuña*; CaH 10 A/UD, 30, 26 x 20 cm.

Foto y dibujo de la autora.

2.3 Los otros textiles de la Colección de CaH 20

En comparación con CaH 07 y CaH 10A, este sitio presenta muy pocos textiles “extraños” a los grupos conocidos del periodo Formativo. Primero, hay tres gorros anudados elipsoidales incompletos, y que no se describen por ser del mismo tipo que los registrados en esos sitios. El gorro más completo (compárese con FIGURA 2), de 35 cm de diámetro, se asocia a madejas hiladas de un posible turbante y a un cráneo humano cubierto con un cesto y además a una gran bolsa-malla confeccionada con fibra vegetal en anillado abierto, similar a las que hoy se conocen como “chinguillo”, un implemento característico del complejo pesquero pasado y actual (Figura 9 a). Otro ejemplar de gorro está reparado con sus propios fragmentos cosidos encima con puntadas de hilván, intentando, al parecer, reconstruir su forma original o restituir su “valor”, antes de ser depositado en la tumba. Un último gorro cuenta solo con dos fragmentos pequeños. Segundo, las madejas de hilados que se registran provienen de las mismas unidades de recuperación de los gorros elipsoidales, a excepción de un par de registros de otra unidad que se encontraban asociados a una cabeza humana que conservaba su cabello recogido en un protuberante “moño” frontal, dispuesta al interior de una bolsa anillada simple. Las madejas están constituidas por haces de múltiples hilados finos de fibra de camélido, café oscuro en su mayoría, combinados en ocasiones con hilados *moliné* de algodón en tonos naturales. Si bien estas madejas son parte de turbantes, no serían del volumen de los de Tarapacá 40, sino versiones más “disminuidas”, como los que se aprecian en Topater 01. Tercero, se registra una bolsita tubular tejida en anillado cruzado con hilados posiblemente de vicuña (*Lama vicugna*), decorada con listas horizontales café claro y *beige* (Figura 9 b). Esta pieza junto a otra similar registrada en CaH 10A, formaría parte del conjunto de tejidos que vinculamos con los estilos textiles de la costa sur peruana del Horizonte Medio, y tal como se planteara entonces, su presencia en el Loa se comprende en el contexto de intercambios con poblaciones de los Valles Occidentales próximos.



Figura 9. (a) Bolsa-malla anillada de fibra vegetal; CaH 20/UI, 83 x 43 cm. (b) Tejido en anillado cruzado, probable bolsa; CaH 20/UG, 8,5 x 4,5 cm.

Fotos de la autora

Resta un conjunto de textiles poco diagnósticos, con señas de cortes y reacondicionamiento a partir de otras prendas diferentes. Entre ellos, habría dos taparrabos que presentan cordones de amarra y una bolsa posiblemente utilizada como “pañó deformador de cabeza”, todos monocromos café, tejidos en faz de urdimbre o ligamento tela; los primeros, con sus orillas recortadas y cosidas o con flecos como terminación de tramas, y en el caso de la bolsa, confeccionada con dos tejidos diferentes cosidos entre sí mediante un hilván burdo en hilo de camélido y pelo humano.

En relación al ítem cordelería, que es significativamente mayor que en CaH 07 y 10A, no tiene la variedad que se esperaría encontrar en un contexto que exhibe una ergología mucho más “costera” y con menos bienes textiles “importados”. La cordelería vegetal corresponde a fragmentos de correas de bolsas anilladas, de amarras de fardos funerarios, de torzales de esteras, y de hilos que amarran paquetes de plumas u otros objetos. Las materias primas tampoco varían, con excepción de un cordel muy fino de algodón que sirvió para embarrilar un pequeño objeto no conservado, por algunos cordeles que combinan vegetal y fibra de camélido y por un finísimo cordel hecho con un hilado de camélido embarrilado con tiento de animal. Tecnológicamente, corresponden casi todos a cordeles regulares confeccionados con torzales de dos hilados y cables de dos o más torzales, de no más de 1 cm de grosor.

3 I CONCLUSIONES

Gran parte de los grupos textiles que caracterizan la textilería del Formativo en el Norte Grande están representados en las colecciones de los cementerios CaH 07, CaH 10A y CaH 20, demostrándose que los costeros participaban en redes de intercambio regulares con las comunidades de valles y oasis interiores de esta región. Al identificar sus lugares de procedencia, podemos trazar los principales flujos de circulación mediante los cuales las comunidades costeras obtenían estas manufacturas textiles (ver TABLAS 1 y 2).

Principalmente en CaH 07 y CaH 10A, se vislumbran relaciones con el río Loa Medio, a través de la presencia de piezas características del Formativo Medio del sitio Topater 01 (500 a.C.-100 d.C.), algunas de las cuales son textiles de amplia distribución en la región, como mantas mullidas o gruesas, monocromas o listadas, determinados tipos de túnicas y huinchas decoradas y otros son tejidos más exclusivos de este cementerio de oasis como ciertos taparrabos decorados en tapicería (Sinclair 1997) y faldelines de pabilos o cordeles. El oasis de Quillagua, en el río Loa Inferior, podría haber actuado como espacio intermedio de estas interacciones sociales, donde estarían instalados por temporadas la misma población costera

aprovechándose de recursos forestales y líticos en este oasis. Formarían parte de este flujo de circulación de bienes textiles y otros productos, los asentamientos de Río San Salvador con los mismos tipos de tejidos que figuran en Topater 01 y en nuestros sitios costeros (p.e., bolsas anilladas de doble torsión, faldellines de pabilos, huinchas decoradas, capas de plumas de ave marina y taparrabos decorados). El cementerio de Topater 01, en el oasis de Calama, representa a una comunidad que fue un importante centro de producción y consumo de variados bienes y recursos regionales e interregionales en esta época, vinculada en sus inicios a poblaciones del interior de Tarapacá, como lo demuestra gran parte de la cultura visual plasmada en sus conspicuos textiles y cestería funerarias (Sinclair 1997). Por otra parte, si bien en CaH 10A y en CaH 07 hay tejidos del Formativo Tardío (400-700 d.C.), hay algunos más tempranos y exclusivos de los Valles Occidentales, como un par de bolsas decoradas con listas de peinecillos, una de ellas reacondicionada a partir de una túnica y otra procedente de un contexto funerario de CaH 10A fechado en 300 a.C. (Núñez 1976), sugiriendo un uso más prolongado de estos últimos cementerios de túmulos.

La mayoría de los tejidos de CaH 07, CaH 10A y CaH 20, participan de las dos tradiciones textiles que se desarrollaron durante el Formativo Tardío en Tarapacá y en los oasis del Salar de Atacama. Algunas piezas son evidentes bienes de prestigio, de connotación identitaria y de distribución más bien restringida en la región. De acuerdo a sus procedencias, se identifican dos conjuntos que presentan distribuciones diferenciadas entre estos cementerios costeros. El primero, se vincula con los valles de Tarapacá (cementerio Tarapacá 40B y aldea Caserones), representado principalmente por la asociación “gorros elipsoidales y turbantes de madejas simples” (en los tres cementerios), por la presencia de una túnica del tipo “Alto Ramírez” (en CaH 20) y los textiles Tiwanaku (solo en CaH 07), que comparten estilo con aquellos de Valles Occidentales, y particularmente con los textiles Tiwanaku que se registran en Tarapacá 40 (Cfr. Agüero y Uribe 2015). Estos mismos tocados que aparecen en la costa tarapaqueña donde se registran algunos tejidos Tiwanaku del estilo de los nuestros, no figuran hasta ahora en Quillagua, localidad clave en las relaciones de la población costera con Tarapacá durante este tiempo, por lo que creemos llegan a sus manos directamente desde sus congéneres del litoral de Tarapacá, quienes a su vez, indudablemente mantenían relaciones con las comunidades agrícolas del interior. El segundo conjunto tiene su referente en la textilera local de los oasis atacameños durante el periodo de influencias Tiwanaku en esa localidad. Comprende tipos de tejidos de muy baja frecuencia en el mismo oasis, que arriban a la costa loína junto a otros materiales diagnósticos de esta región atacameña, como cerámicas de los tipos Séquitor (SEQ) y San Pedro Negro Pulido (SPN). Por ahora, la ausencia de textiles de estos estilos en el Loa Medio y en

Quillagua (Loa Inferior), sugiere formas de intercambio más restringidos o limitados para este tipo de bienes, probablemente de acceso directo entre los costeros y las gentes o los “agentes” del salar de Atacama.

Los tejidos de CaH 07 son casi todos asignables al Formativo Tardío y consistentes con las expresiones textiles de la época. La presencia de piezas únicas y de origen más lejano, como los ejemplares de estilo Tiwanaku, o los del oasis atacameño, podrían estar reflejando ciertas diferencias de rango al interior de la población costera, quizás a los propios encargados de controlar el intercambio de estos bienes por sus excedentes productivos marinos, en amplios circuitos que incluían tanto a Tarapacá como al Salar de Atacama, dos polos de desarrollo cultural y económico contemporáneos. Aun así, consideramos que la “balanza comercial” a lo largo del período Formativo se inclinó más hacia la población de Tarapacá, con relaciones de intercambio que los costeros terminaron por sellar de alguna forma sumando a su identidad, al menos en su vestimenta funeraria, un tocado emblemático de esa comunidad tarapaqueña.

La colección de CaH 20 refleja bastante bien al conjunto de textiles disponibles durante el período Formativo, con prendas de vestuario y objetos utilitarios comunes en todo el norte chileno en esta época, registrándose muy pocos tejidos excepcionales como en los otros dos cementerios. Aunque la ausencia de este tipo de textiles puede responder a limitaciones de la muestra, el registro de tres gorros elipsoidales tarapaqueños indica que estamos ante poblaciones contemporáneas y probablemente sujetas a las mismas dinámicas que los sepultados en CaH 07 y CaH 10A. Por otra parte, los sitios CaH 10A y CaH 20 comparten más tipos textiles y de uso más “popular”, a diferencia de CaH 07 donde apenas están representados. A grandes rasgos, los contextos de CaH 10A se sitúan entre las realidades de CaH 07, con más tejidos “importados” y más tardíos en la secuencia Formativa y CaH 20, con una ergología más costera, con tejidos comunes y muchos de ellos “conservados”. Hay algunos textiles en CaH 10A que indican en el Formativo Medio relaciones con los Valles Occidentales (valles de Arica o Azapa), intermediado o no por la costa tarapaqueña, de donde provienen textiles característicos de esa región y que los costeros del Loa adoptaron o transformaron en otras prendas y objetos; en este sentido, en CaH 20 hay varias piezas reparadas o utilizadas para confeccionar otras, reflejo de una intención de prolongar la vida útil de bienes de uso restringido y que probablemente no producían ellos mismos.

Para concluir, planteamos que los tres sitios revisados comparten, en general, los tejidos más frecuentes en el Formativo Medio y Tardío, indicando una relativa igualdad de condiciones de los costeros del Río Loa en el acceso a estos textiles y participando en similares circuitos de intercambio para obtener bienes de primera necesidad, como el vestirse y a lo largo del tiempo, preferir consumirlos más que

producirlos. Los textiles son manufacturas foráneas disponibles, comunes aunque especializadas, y al parecer de alta producción en esta época, y seguramente con la misma importancia y equivalencia económica que los productos marinos con los que los costeros los intercambiaban, tales como pescado seco y abalorios de conchas, entre otros bienes.

REFERENCIAS

AGÜERO, C. (2005) **Componente Tiwanaku vs. Componente local en los oasis de San Pedro de Atacama**. En: SOLANILLA, V. (Ed.) *Tejiendo sueños en el Cono Sur: Textiles andinos, pasado, presente y futuro*, Barcelona: Grup d' Estudis Precolombins, Dept. d'Art de la Universitat Autònoma de Barcelona.

AGÜERO, C. (2012) **Los textiles el asentamiento Caserones y su Cementerio: Significado social y político para la población tarapaqueña durante el período Formativo (Norte de Chile)**. En: *Revista de Antropología* Vol. 26, p. 59-94, Universidad de Chile, Santiago.

AGÜERO, C. y B. CASES (2004) **Quillagua y los textiles Formativos del norte de Chile**. En: *Chungará Revista de Antropología Chilena*, Vol. 36 Número Especial, Tomo II, p. 599-617, Universidad de Tarapacá, Arica.

AGÜERO, C. Y M. URIBE (2015) **Tiwanaku en Tarapacá, Norte Grande de Chile: ¿Realidades o espejismos en el desierto?** En: ISBELL, W., STANISH, C., URIBE, M. (Eds.), *The Southern Andean iconographic tradition*. Los Ángeles: Dumbarton Oaks and The Cotsen Institute of Archaeology.

BALLESTER, B. Y A. CLAROT (2014) **La gente de los túmulos de tierra. Estudio, conservación y difusión de colecciones arqueológicas de la Comuna de Mejillones. I**. Antofagasta: Municipalidad de Mejillones, Fondo Nacional de Desarrollo Regional.

CABELLO, G. Y D. ESTÉVEZ (2017) **No solo de peces vive el hombre: Vegetales en los cementerios de túmulos en la costa de Antofagasta**. En: GALLARDO, F., BALLESTER, B. y FUENZALIDA, N. (Eds.), *Monumentos funerarios de la costa del desierto de Atacama: los cazadores-recolectores marinos y sus intercambios (500 a.C.-700 d.C.)*. Santiago de Chile: Sociedad Chilena de Arqueología y Centro de Estudios Interculturales Indígenas (CIIR), p. 117-132.

CASES, B. (2000) **Textiles formativos de la cuenca del Loa y de Atacama**. En: *Actas XIII Reunión Anual Comité Nacional de Conservación Textil*. Santiago: Comité Nacional de Conservación Textil, p. 35-43.

CASES, B. (2011). **Los tejidos del Formativo Medio**. Informe Parcial Proyecto Fondecyt 1110702, Manuscrito en posesión de la autora.

CONKLIN, W. (1983) **Pukara and Tiahuanaco tapestry: Time and style in a sierra weaving tradition**. En: *Ñawpa Pacha* Vol. 21, p. 1-45, Berkeley: Institute of Andean Studies.

NÚÑEZ, L. (1971) **Secuencia y cambio en los asentamientos humanos de la desembocadura del río Loa, en el norte de Chile**. En: *Boletín de la Universidad de Chile*, Vol. 112, p. 3-25.

NÚÑEZ, L. (1974) **Agricultura prehistórica en los Andes meridionales**. Santiago: Editorial Orbe, Universidad del Norte.

NÚÑEZ, L. (1976) **Registro regional de fechados radiocarbónicos del Norte de Chile**. En: *Estudios Atacameños*, N° 4, p.71-123.

OAKLAND, A. (2000) **Andean textiles from village and cemetery: Caserones in the Tarapacá valley, northern Chile**. En: P. DROOKER & WEBSTER (Eds.), *Beyond Cloth and Cordage, Archaeological Textile Research in the Americas*, Salt Lake City: University of Utah Press.

SINCLAIRE, C. (1997) **Pinturas rupestres y textiles Formativos en la región atacameña: Paralelos iconográficos**. En: *Estudios Atacameños* N° 14, p. 327-338, San Pedro de Atacama.

SINCLAIRE, C. (2012) **Ideología y sociedad en el norte de Chile durante el primero milenio de la Era: Arqueología de los tocados de la región atacameña**. Tesis para optar el título de Máster Oficial en Prehistoria, Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona.

SPAHNI, J. C. (1967) **Recherches archéologiques à l'embouchure du Rio Loa (Cote du Pacifique Chili)**. En : *Journal de la Société des Américanistes*, Vol. 56, N° 1, p.179-251.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actividad cultural 55

Alteración 1, 35

Aridez 15

Arqueólogos 1, 11, 14, 15, 51, 62

Atacama 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 31, 32, 33, 36, 38, 39, 41, 43, 47, 48, 49, 50

Atmósfera 8

B

Brillante 7

Bronce 3, 4, 5, 6

C

Cazadores-recolectores marinos 32, 49

Cerámica 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 35, 41, 56, 57, 59, 60, 61, 62

Conglomerados 57, 58

Contexto espacial 55, 60

Costa del Desierto de Atacama 32

Cronología 18, 39, 57

Cultura 2, 3, 4, 6, 7, 10, 12, 35, 47, 55, 64

D

Diferenciación social 51, 52, 54, 59, 61

Diversidad 14, 19, 21, 35, 44, 56, 61

E

Exploración 56

F

Fibras vegetales 35

Fundición 3, 4, 5, 6

H

Históricas 34

I

Intercambio 2, 32, 46, 48

M

Manufacturas 33, 34, 46, 49
Matriz 14, 15, 19, 59, 60
Metales 1, 4, 7, 8, 9, 10, 11
Metalurgia 1, 2, 3, 4, 5, 7, 12, 35
Milenio 50, 51, 52

N

Norte de Chile 14, 15, 16, 32, 49, 50

P

Periodificación cultural 14
Prehistoria 14, 50
Profundidad 2, 20

R

Relaciones 33, 36, 37, 46, 47, 48, 51, 53, 56, 59, 60, 61
Retroalimentación 2
Río Loa 32, 34, 36, 44, 48

S

Secuencia 14, 15, 16, 17, 18, 22, 31, 48, 49
Sensibilidad 15
Solo 1, 2, 7, 11, 17, 19, 22, 44, 45, 47, 49, 59

T

Tecnología 1, 2, 3, 4, 7, 11, 34, 61
Textiles 1, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50
Tierra 2, 3, 49
Tipológicos 51, 52, 53, 59
Tradicción 18

V

Valor social 1, 3
Vista tradicionales 53

Arqueologia: Temáticas e Perspectivas Teórico-Methodológicos de Pesquisa

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Arqueologia: Temáticas e Perspectivas Teórico-Metodológicas de Pesquisa

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 